

RESENHA

A partir deste número a Revista Benjamin Constant passa a apresentar resenhas de textos técnicos, dissertações, monografias, teses e trabalhos que referenciem as questões de interesse das pessoas portadoras de deficiência visual e dos profissionais que atuam na área.

As resenhas, preparadas por especialistas desta Instituição, visam a apresentar sínteses de material bibliográfico disponível, para consulta, no Centro de Pesquisa, Documentação e Informação do Instituto Benjamin Constant - IBCENTRO.

Alguns dos textos, objeto dessas resenhas, estão impressos em tinta e/ou no Sistema Braille. Ao final de cada uma das resenhas informaremos a amplitude da disponibilidade. As pessoas que necessitarem do material referenciado nesse espaço, poderão solicitá-lo diretamente ao IBC.

I- O MÉTODO DE INICIAÇÃO AO TECLADO PARA DEFICIENTES VISUAIS DE ADHEMAR SAIDE

Paulo Felicissimo Ferreira

Consideramos oportuno anunciar a existência, na Divisão de Imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant, da obra que intitula essa resenha, publicada em 1991, de autoria de Adhemar Saide, professor de música do Instituto Benjamin Constant por mais de vinte e cinco anos. O método por ele desenvolvido é fruto de sua experiência nesse período, onde o ensino do piano foi sua dedicação maior. Julgamos, outrossim, conveniente anteceder o resumo do seu método de breve nota explicativa sobre o sistema Braille, tornando, assim, a compreensão de sua abrangência acessível a todos.

O sistema Braille pode ser definido como um conjunto de 63 sinais obtidos pelas diversas combinações possíveis de pontos de alto-relevo, tendo-se como base o número deles (de 1 a 6) e suas posições (verticais, horizontais ou oblíquas), num mesmo espaço. A determinação numérica dos pontos se faz no sentido vertical, ficando os pontos 1-2-3 à esquerda e 4-5-6 à direita de quem lê. Tais sinais não apresentam qualquer semelhança formal com os símbolos gráficos comuns, podendo-se ressaltar, por exemplo, que as letras com acentos são representadas por sinais completamente diferentes dos que representam suas homônimas não acentuadas. Além disso, devido ao reduzido número de combinações, quase todos os sinais têm valor cumulativo e diversificado, servindo, concomitantemente, à transcrição fonética de todas as línguas, às simbologias técnico-científicas e à representação musicográfica. Para maior entendimento, consulte o alfabeto Braille no final da Revista.

Segundo a natureza de suas combinações, o alfabeto Braille completo compõe-se de sete linhas, contendo as duas primeiras e parte da terceira as letras não acentuadas, e o restante destas, juntamente com as duas seguintes, as letras acentuadas, os sinais diacríticos e as pontuações, cabendo à sétima a representação dos números de 1 a 0, mediante anteposição do sinal formado pelos pontos 3-4-5-6 às letras de 1 a j, da primeira linha, o que as transforma em numerais.

As notas musicais, com seus respectivos valores, estão representadas nas quatro primeiras linhas, do quarto ao décimo sinal de cada uma, com a seguinte disposição:

1ª linha: colcheia

2ª linha: mínimas ou fusas

3ª linha: semibreves ou semicolcheias

4ª linha: semínimas ou semifusas

Como a leitura em Braille é, habitualmente, mais lenta que a efetuada no sistema comum, o ato de aprender uma peça exige que se leia com uma das mãos o que a outra deve tocar. A execução, simultânea, de ambas as mãos só é possível após a memorização da seqüência dos compassos e frases musicais, o que tem desestimulado muitos iniciantes, sobretudo as crianças, cuja leitura é ainda mais vagarosa. Isto explica o surgimento do método que a seguir resumimos, o qual, por seu caráter analítico, não é de fácil aplicabilidade na transcrição Braille de obras musicais extensas e mais complexas, visando, antes, ao incentivo dos principiantes e, de modo especial, ao grupo infantil.

Buscando associar às peculiaridades da leitura no sistema Braille os princípios pedagógicos de partir do fácil para o difícil e do conhecido para o desconhecido, o professor Saide tomou para unidade de tempo em seu método a colcheia, já que toda criança começa por estudar a primeira linha do alfabeto, desconhecendo, então, a quarta linha de onde são

tiradas as semínimas, mais fáceis para o vidente. A forma tempo sobre tempo, parte essencial do método, é a mesma adotada na musicografia comum e representa um excelente aperfeiçoamento da forma compasso sobre compasso, já utilizada nos Estados Unidos, há, pelo menos, duas décadas. Consiste na superposição linear dos tempos da mão direita aos da mão esquerda, coincidindo, logicamente, os valores positivos e negativos.

O método se divide em duas partes, a primeira das quais se compõe de 15 (quinze) lições, destinando-se as 5 (cinco) iniciais à execução com a mão direita, as 5 (cinco) seguintes ao uso da mão esquerda e as últimas à execução simultânea. Para tanto, o autor utilizou as 10 (dez) lições anteriores, introduzindo, a partir da 11^a, o estilo tempo sobre tempo. Visando à motivação e à memorização mais fácil, o autor criou para as 10 (dez) primeiras lições, letras de apoio às melodias. Para facilitar a leitura, a partir da 11^a lição e até o fim da obra, há uma linha em branco a cada duas linhas de compasso.

A segunda parte do método consta de 23 (vinte e três) lições, com o seguinte conteúdo: testes de leitura, reconhecimento das pausas, das alterações, dos intervalos, de alguns andamentos, das escalas e arpejos. Ainda para facilitar a leitura, o autor usou a barra de divisão de compasso (pontos 4-5-6) e, sobretudo nos trechos mais longos, colocou, antes do sinal da mão direita, o número correspondente ao compasso com o qual essa se inicia.

SAIDE, Adhemar, Método de Iniciação ao Teclado para Deficientes Visuais.
Rio de Janeiro, 1991. volume único de 42 páginas no Sistema Braille

RESENHA DE PAULO FELICISSIMO FERREIRA professor do Instituto Benjamin Constant e
Presidente da Comissão Editorial desta Revista.